

Identidade Sertaneja na obra de Saul Martins

Rejane Meireles Amaral Rodrigues¹

Este trabalho propõe uma análise da obra literária de Saul Martins², intitulada Antônio Dó – A história verídica de um jagunço famoso³. Esta obra relata a vida de Antônio Dó, um pequeno fazendeiro que em 1910 se revoltou contra os mandatários da cidade de São Francisco, Norte de Minas Gerais, e formou um grupo de homens armados, que sob sua liderança saqueou e aterrorizou o sertão norte mineiro, sul da Bahia e Goiás.

Temos nesta obra um texto literário que aborda a política, a propriedade privada, violência e relações sociais da cidade de São Francisco.

A abertura ou primeiro capítulo do livro é feito por Saul Martins com o título “O bandoleiro⁴” no qual capítulo é feita uma descrição do homem Antônio Dó. De início ele já descreve o ódio que corria nas veias deste homem e a violência que ele utilizava para conseguir o que queria:

O quartel-general de Antônio Dó era o pequeno Arraial de Santo Antônio, ao pé da Serra das Araras, nas primeiras vertentes do Rio Pardo. Sua fama corria. Nas plagas urucuianas todas lhe queriam, por afeição ou medo de suas iras. A Brigada perseguia-o tenazmente, cortando-lhe os atalhos, espreitando-o nos caminhos e encruzilhadas perigosas, buscando-o nas matas e bebedouros certos, nos carrascais, nos trilhos de gado ou assentamentos de morros, identificando-lhe o rastro, caçando-o como se faz à suçuarana comedeira de bezerras. Ele odiava soldado, a quem chamava cachorro-do-govêrno. Empalidecia ao ouvir o nome do Capitão Américo Ferreira Lima e seus lábios arroxavam, não de medo e sim de raiva, desejo de vingança, ódio concentrado, vontade do ajustar contas com ele, responsável que foi pelo desvio de sua sorte.⁵

Mostra também, as mulheres que viveram amancebadas⁶ com Dó, a primeira Arcanja (a que era dona do gado roubado por Marcelino, cunhado de Dó e que matou Honório, irmão de Dó). A segunda Margarida, depois Izídia e por fim Francilha que o traiu e ajudou a mata-lo.

As paisagens do sertão, seus costumes também são mostrados por Saul Martins:

O homem é xucro e será respeitado se for valente. Ainda hoje, naqueles rincões, o rifle, a faca e o laço são a garantia dos moradores.

Recebendo esses ensinamentos e as influências físicas e psicológicas que o lugar e as pessoas lhes poderiam oferecer, três anos lá viveu a família Dó, unida, em paz e esperançosa.⁷

No capítulo intitulado “Na Estrada do Crime⁸”, Saul retorna no tempo e descreve como Antônio Dó tornou-se um homem violento e implacável. Os acontecimentos que desencadearam na prisão e revolta deste sertanejo e detalha a arbitrariedade da Força Pública.

-Ah! ... É o valentão? Aqui no município eu não admito negociatas e muito menos desordeiros, entendeu?

-Capitão...

-Cala a boca, atrevido! Você nem casado é. Ainda faço muito em estar lhe dando atenção. Você merece um banho de borracha.

-?...

-É a segunda vez que me incomoda na delegacia. Por que não some daqui?... Responda!

--Capitão, você deixa eu spricá pru sinhô! O Marcelino tava robando os gado de Arcanja, odispois juntou cum Anacreto e mataro meu irmão Honóro...

-qual o quê! Você é um amancebado.

-É de divera, mermo, Capitão, mais nós vivemo bem e ela respeita. Cuma você sabe, corre o diatado qui quem ama cum fé, casado é. Odispois, quaje ninguém sabe qui ela é minha rapariga...

O capitão Américo interrompeu-o:

-não permito, seo sem-vergonha, não aceito que você fale em rapariga aqui na minha presença! Isto é desacato, é faltar com respeito!

Tudo indica que o oficial forçava uma situação contra o sertanejo. Este, ao insulto, repeliu:
-Vancê é home da lei, mais não pra me dize isso, capitão...
-E por que não atrevido?! Cala a bôca! Sem-vergonha, sim! Descarado...
O Capitão Américo vocifereva ao tempo em que esmurrava a mesa, fazendo cair papéis.
Antônio Dó aproximou-se trêmulo e pálido:
-Severgonha é o senhô!
O Delegado levantou-se, impetuosamente, mas Dó agarrou-o pelo talabarte, dá-lhe um tapa no rosto e derruba-o, em seguida. Não resistindo à agressão, o oficial brada socorro. Dó comprime-lhe a garganta e o obriga a andar de quatro, monta-o e corre-lhe as esporas.
Aparece a ordenança:
-Eu o mato, bandido!
-Mata coisa nenhuma, seo cachorro-do-govêrno! Toma, miserave!⁹

No capítulo “Declínio¹⁰” são apresentados os crimes cometido por Dó. E também o papel de “Juiz popular exercido por ele”. Além de externar a relação povo – Antônio Dó, que percebiam no líder, um homem que pelo fato de ter se rebelado com a elite local, tinha discernimento do que era bom ou ruim para o povo.

Tomando conhecimento da invasão das terras de seu pai, Antonino, filho de João Antônio, auxiliado por um capanga, matou Léo numa estrada. Na ocasião, a cavalo, a vítima puxava a destra um cargueiro, que tinha um menino à garupa. Os assassinos enrolaram a ponta do cabresto no alção da cangalha e viraram o animal e o tocaram, serra abaixo, em sentido contrário, rumo à casa do morto, enquanto o filho chorava, agarrado à retranca para não cair.

A esse crime sucederam outros muitos, por vingança.

Bráulio Archanjo de Almeida, irmão de Léo, matou Antonino; João Antônio foi procurar Bráulio e como não o encontrasse destruiu todos os seus bens, ateando fogo à casa e aos campos e exterminando os animais de criação; Bráulio procurou Antônio Dó, em setembro de 1914, e com ele e seu grupo assassinaram João Antônio e roubaram-lhe os haveres.

Foi o primeiro grande erro do bandido, porque a polícia de Paracatu fez causa comum à de São Romão, São Francisco, Januária e Manga

Tempos depois, Dó mete-se noutro caso, impondo sua decisão.

Camilo, esposo de Antônia amigou-se com Praxedes Rodrigues, vulgo Praxedinho e logo foi alvo da cobiça dos Beirão – negros Avelino, Zé Roxo, Eduardo, Camila e Carlota, todos irmãos e que foram, pode-se dizer, criados na fazenda. Alegavam que Antônia lhes devia uns tachos de cobre e outros objetos. Como a viúva negasse a dívida os negros, agora também ligados a Simplício do Angical, foram procurar Antônio Dó que, aceitando a proposta, entendeu de julgar o caso.

Que fez? Reuniu o gado no curral e convidou Vicente Batista e Januário Caporra para testemunharem o julgamento e a divisão dos bens da viúva. O primeiro não aceitou o convite e o segundo, que na ocasião morava a dez léguas dali, dirigiu-se ao local, mas o fazendo sob falsa alegação de que lá ia receber um burro que dera para amansar.

Dó fez a partilha do gado, separando para si mesmo como remuneração, noventa e duas cabeças de criação, sendo vinte e oito vacas, animais de sela e de serviço e bois de carro.¹¹

As práticas sobrenaturais, que são constantes no cotidiano do sertanejo, foram descritas por Saul Martins, como fazedoras do dia-a-dia, como o são.

Contam que a viúva, às correrias, enterrara uma lata e um frasco de vidro que continham grande quantidade de jóias e que não mais conseguiu localizar o ponto em que os enterrara.

Casualmente ou por má sorte, Antônio Dó e alguns de seus homens encontraram Januário Caporra em casa de Venço Gobira e ali mesmo o prenderam, ocasião em que foi insultado pelo bandoleiro. Mas, cheio de coragem, repeliu:

-Velho Dó, o réu também tem licença de conversar. E concluiu sentenciando: duas mulheres pariram dois homens neste mundo. Um é o senhor, que é o primeiro sem segundo; o outro é um doido que anda pelo mundo.

A estas palavras enigmáticas, Dó abaixou a cabeça e passou a torcer o bigode.

Conduziram-no, amarrado, à sua própria casa, donde fugiu espetacularmente, dizem uns que Januário rezou os bandidos, fazendo-os dormir; outros acreditam que ele teria recomendado a Joana, sua esposa, que temperasse a carne com certas ervas, que teria apontado. Verdade é, que a poder de magia ou de poderoso narcótico vegetal, os bandidos ferraram no sono. Dó não se achava presente porque se reunira ao resto do grupo em Palmital¹².

O assassinato de Antônio Dó foi descrito por Saul e relatado de uma forma mística, equiparando aos rituais religiosos comuns nesta região:

Primeiro, abriram-lhe a sepultura, ao pé de uma cagaiteira e em um de cujos galhos penduraram uma enxada virgem.

O feiticheiro contratado para o horripilante serviço agia, dava instruções aos sequazes:

-Conde oceis bate na inxada e ela num tini, é esse o dia.

Toda quinta-feira, aos primeiros minutos, faziam a experiência. Afinal, deu certo:

-Óia, disse Fulo à carriola, bati na inxada e ela num tiniu. Foi mermo qui bate numa gamala.

-Apois antonce, mão dento e pé digêro, falou Silvino.

Dito e feito.

Seguindo as instruções do curandeiro e de Francilha os traidores muniram-se de uma mão-de-pilão, passaram-na ao fogo em forma de cruz e aguardaram o momento decisivo, condiado à Francilha.

Na véspera, Antônio Dó chegara de viagem e foi recebido com muita alegria, inclusive por sua mulher.

Seu cão lambeu-lhe as mãos, carinhosamente.

Dirigindo-se à jagunçada, disse-lhe Antônio Dó:

-É preciso qui passemos a noite cum as arma na mão. Arguma coisa ta pra acuntecê.

Os malvados entreolharam-se.

No dia seguinte, quinta-feira, 14 de novembro, pela manhã, cerca das oito horas, Antônio Dó saiu do quarto acompanhado por Francilha.

Estava sem o casaco.

Era chegado o momento.

Silvino de Jesus tomou da mão-de-pilão e, pela terceira vez, começou a passa-la ao fogo.

Disse-lhe Fulô:

-Anda quisso, Silvino. Pisa logo esse café pra nós isquentá o istambo.

Era uma senha para a comubina. Antônio Dó achou graça e sorriu ligeiramente. A um pedido de Francilha, agacha-se no canteiro e começa a tirar-lhes uma folhas de agrião.

Nesse momento, recebeu ele a primeria borboada.

Caiu com a mão no punhal, mas Zé Olímpio, Mane Preto e José Farias usaram as armas contra o chefe. Atiraram tanto que sua roupa se incendiou. Foi Cristina quem abafou o fogo com uma esteira molhada, apagando as chamas.

Quatro amigos do bandoleiro, alheios à tradição, correram às armas mas foram impedidos por Mane Preto.

Moeram-lhe a cabeça e o enterraram, em seguida, despido. No bolso do casacão encontraram dois patuás – um Breve de Roma e um Santo Leme, que ficaram para Silvino e José de Farias.

Dizem que o sangue brotou da cova¹³.

Para escrever esta obra Saul contou com suas lembranças de menino. Quando Saul era menino, encantado com as histórias que ouvia a respeito de Antônio, escrevia em cadernos tais relatos e assim começou a registrar. Após alguns anos, já militar começou pesquisar nos Arquivos da Polícia Militar. Não satisfeito partiu para a pesquisa em jornais do acervo da Hemeroteca de Belo Horizonte e por fim retornou à região de Januária e São Francisco onde passou a recolher relatos¹⁴

A obra Antônio Dó - A história verídica de um jagunço famoso¹⁵ foi editada em 1967 pela primeira vez e sagrou vencedora do 5º Concurso de Monografias sobre o Folclore Nacional. No prefácio da 1ª Edição, Saul explica quais as metodologias que ele utilizou para escrever a obra. Expõe sua relação com a Polícia Militar. E faz um breve comentário sobre o que ele entende ser científico e ficcional em seu livro:

A história é verídica e a escrevemos com todo rigor científico. Se houver acréscimo, estes são oriundos da fantasia ingênua do sertanejo e não de quem os anotou. Aliás, não é fato novo: o povo cria lendas em torno de personagens reais, heróis sofredores ou vingadores com os quais muitas vezes se identifica. E é assim que se vai formando a tradição e todo o acervo cultural de uma simples comunidade ou de uma pátria imensa¹⁶

A segunda edição é datada de 1979 e conta com algumas alterações em relação à primeira. Mas, segundo o próprio autor é a terceira edição que “*está mais próximo da verdade.*”¹⁷ No prefácio da Terceira Edição o autor explica as alterações feitas por ele e o acréscimo da vida de Rotílio Manduca¹⁸.

O caráter “híbrido” da obra de Saul, está no fato de tratar-se de um texto com fatos históricos contados em forma de narrativa literária e complementada com dados de sociologia ou antropologia .

Para Antônio Cândido, a análise sobre a consciência nacional, pode ser estudada a partir de registros literários¹⁹. No caso específico da consciência do sertanejo existem vários trabalhos literários que desvendam este universo: Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e outros.

Entretanto a obra literária por isso só não revela sua função histórica. Por isso é preciso fazer um exercício de análise, de contextualização, de busca de informações extras. Caso contrário ela estará reduzida à função de divertimento e não de informação ou de formação histórica.

REFERENCIA BIBIOGRAFICA

MARTINS, Saul. **Antônio Dó – A história verídica de um jagunço famoso**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1967.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. 4ªed. São Paulo: Ática, 1980.

NOTAS

¹ Mestranda em História Social da Universidade Federal de Uberlândia.

² Saul Martins é oficial aposentado da Polícia Militar de Minas Gerais, formado em Antropologia e membro da Comissão Mineira do Folclore.

³ MARTINS, SAUL. **Antônio Dó – A história verídica de um jagunço famoso**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1967.

⁴ MARTINS. Op. Cit. PP. 17

⁵ MARTINS. Op. Cit. PP. 17

⁶ Homem e mulher que vivem juntos sem serem casados no religioso ou civil nesta região recebe este nome.

⁷ MARTINS, Op. Cit. PP.24

⁸ MARTINS, Op. Cit. pp. 27.

⁹ MARTINS,Op. Cit. pp.27 e 28.

¹⁰ MARTINS, Op. Cit. pp. 82.

¹¹ MARTINS, Op. Cit. pp. 82.

¹² MARTINS, Op. Cit 84 e 85.

¹³ MARTINS, Op. Cit. 96.

¹⁴ Entrevista com Saul Martins em 15/11/2003 duração 2:00’

¹⁵ MARTINS. Op. Cit.

¹⁶ MARTINS, Op. Cit... pp.Prefácio da primeira edição.

¹⁷ Entrevista com Saul Martins em 14/11/2002. Duração de duas horas aproximadamente.

¹⁸ Rotílio Manduca foi um homem violento que viveu em São Francisco no mesmo período que Antônio Dó.

¹⁹ MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. 4^a ed. São Paulo:Àtica, 1980, p. 249